



A terceira margem

edição 08 - 2006

A semente da Páscoa

Profa. Regina Lapadula Gomes
professora do maternal

Toda semente é um ser
Em total transformação
Pois a pequena semente
Sofre uma transmutação

Surge então um novo ser
Totalmente diferente
Com outras características
Sendo quase outro ente



Para que isto aconteça
Na terra ela adormece
Recebendo água e calor
Aos poucos ela cresce

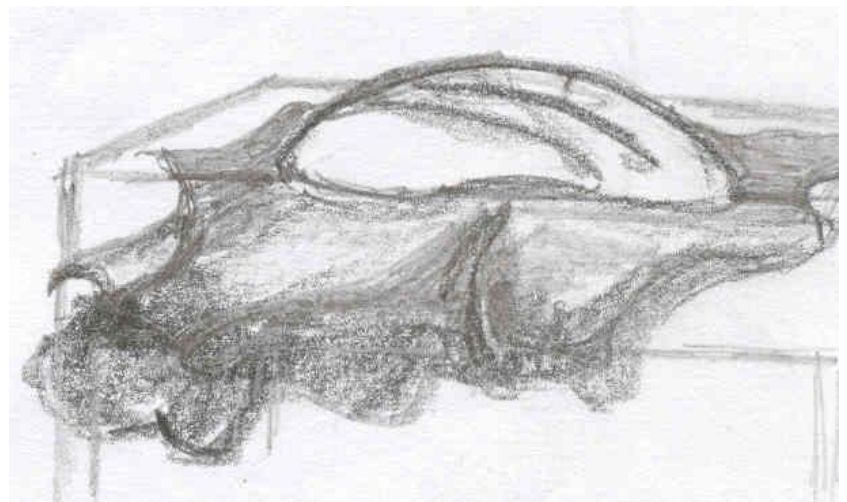
Sem ter a preocupação
De quem irá ajudar
Dá sombra, flores e frutos
Pra quem quiser desfrutar

A exemplo da natureza
Precisamos nos transformar
De uma semente pequena
Em uma árvore se tornar

Alimentando a semente
Com a água da razão
E também constantemente
Com o calor do coração

Com estes dois reunidos
Nosso agir será então
Voltado constantemente
Para ajudar nosso irmão

Uma semente assim cuidada
Dentro de nosso ser
Se transmuta em amor
E na razão de viver.



editorial02
na época de02
margem aberta03

nos bastidores05
o que vai por aí07
receitas de época08

“Crescer é um processo misterioso e mágico.

A vida não fica em repouso - ela se transforma; e se nos deixarmos levar pela vida, seremos continuamente transformados. Na maioria das vezes, isso não acontece sem dores, pois também existem em nós forças que têm medo do amadurecimento. Por isso, não se pode querer crescer e amadurecer sem esforço e sem uma clara decisão.”

Ulrich Schaffer



Nascer, Morrer, Renascer ...

Direção Apuá/Veredas 2006

Nessa eterna dialética da existência, estamos nós aqui também na Associação Apuá e na Escola Waldorf Veredas vivendo mais uma vez o tempo de encerrar e recomeçar. Agradecendo os passos do ano que se foi, nos deparamos com a impossibilidade de qualquer trégua – é tempo de páscoa e a vida está sempre inquieta por viver e reviver!

Assim, na Associação, renovamos parcialmente nossa Direção, nossos Conselhos, refletimos novos conceitos, possibilidade de fundir a Associação e a Escola, já que hoje andam tão juntas, numa estrutura de escola associativa. Com direito a experimentar, o Conselho de Sócios da Apuá e o Conselho de Pais da Veredas, resolveram se organizar e trabalhar juntos este ano, formando, então, o Conselho de Associados.

Como uma lagarta em seu casulo, o movimento antroposófico em Campinas prossegue por quase duas décadas, enquanto a Apuá e a Veredas alçam vôo como a borboleta, exigindo todos os cuidados de um primeiro

setênio. Por outro lado, a chegada do Ciclo II do Ensino Fundamental na Escola Veredas nos traz a dimensão do quanto precisamos avançar para acompanhar nossas crianças, nossa escola e nossas próprias vidas nesse infinito aprender e reaprender ...

Num cuidadoso e curioso caminhar desde as salas do Jardim da Infância aos primeiros anos do Ensino Fundamental, e agora adentrando as grandes salas hexagonais já quase prontas, os livros se amontoando para a biblioteca maior, e a silhueta da quadra – logo as Olimpíadas ... Crescer sim, crescer é bom, é desafiante, mas levando as fábulas e os contos de fadas no coração, sempre!

Assim, mais uma Páscoa para Apuá e Veredas! O sempre novo resultado de tantas lutas, de um corpo pedagógico que se multiplica e se renova em vitalidade e força, de uma comunidade de pais e alunos que se misturam na vontade de aprender e no desejo de um sempre novo “vir-a-ser”!

Crescer exige querer!

na época de ...



Páscoa

Profa. Tiseko Yamaguchi
professora do 4º ano

Estamos na época da Páscoa, que acorda em esperança e alegria após a silenciosa interiorização da quaresma.

Por certo, juntos em família, os pais compartilharão a alegria dos filhos pequenos na busca dos ovos, símbolo da vida!

A busca nos seus múltiplos contextos é pertinente a todas as narrativas, como também nos contos de fadas, onde o príncipe procura sua amada, vencendo extremos perigos e desafios em sua caminhada.

No encontro com o despertar da princesa adormecida, símbolo da própria alma vivificada do príncipe, tem ele, nas bodas nupciais, a consagração deste seu extraordinário momento!

Hoje, vivem nossos filhos seus dias despreocupados no aconchego e proteção do lar; amanhã, no mundo, levarão consigo a responsabilidade dos atos que só a eles compete responder.

Olhar para a biografia de cada um desde o seu nascimento, quiçá desde antes até a maturidade, é ver neles espelhado o caminho biográfico da humanidade em seu processo evolutivo: – começando pelo seu passado remoto ainda uno com as forças maternas vinculadas aos arquétipos do universo cósmico até as responsabilidades da ação ancorada na consciência – momento atual, que faz cada homem um ser único individual e livre, responsável no contexto do mundo.

Conflitos gerados pelas forças estanques do passado, forças ainda emanadas de parentescos sangüíneos, nelas a decantação de princípios restritos de raça, de povo, de família, de crenças e filosofias partidárias, ainda ceifam milhares de vidas.

Grandes guias ao longo da História e grandes eventos trouxeram contribuições fundamentais ao destino do homem que, gradativamente, foi tomando posse das possibilidades latentes em si; desenvolveu ele no decurso de sua jornada seus diferentes níveis de consciência, forjando culturas diferenciadas em valores na relação com o mundo: – pela alma da sensação desde os primórdios até a época cultural greco-romana da alma do intelecto; e, nos tempos modernos e contemporâneos, pela ainda incipiente alma da consciência, vinculada ao espiritual do homem e à moralidade primordial imanente em sua natureza, que busca uma resposta à indagação de Hamlet na dramaturgia de Shakespeare:

“Quem sou eu”

“Quem somos nós”

“Quem é o homem”,

problema do “ser”, bastante denso também na temática narrativa d’ “A Terceira Margem do Rio”, de Guimarães Rosa.

A Páscoa – Ressurreição – é a resposta a essa pergunta: a plenitude do Ser na corporalidade humana, até a Estatura Crística de Homem-Espírito, arquétipo do Homem, Vitória sobre a Morte na Luz do Amor Cósmico, Universal e Eterno, Restaurador da Vida e do Perdão, da Paz e da Verdade na Ação, no Sacrifício Redentor e Criador na Cruz do Gólgota em Liberdade, e vinculado para sempre ao Destino do Homem e da Humanidade em toda a sua Trajetória.

margem aberta

Tudo o que eu precisava saber ...

Robert Fulghum - Tradução de Ernesto H. Simon
 Texto sugerido pela Profa. Regina Lapadula Gomes
 professora do Maternal

... eu aprendi no Jardim de Infância. A maior parte do que eu realmente precisava saber sobre viver e o que fazer e como ser, eu aprendi no Jardim da Infância. Na verdade, a sabedoria não está lá no alto morro da Faculdade, mas sim, bem ali, na caixa de areia da escolinha.

As coisas que aprendi foram estas: reparta as coisas, jogue limpo, não bata nos outros, ponha as coisas de volta onde as encontrou, limpe a bagunça que você fez, não pegue coisas que não são suas, aguarde a sua vez, diga que você sente muito quando machucar alguém, lave as mãos antes de comer, puxe a descarga, biscoito e leite quentinho fazem bem.

Viva uma vida equilibrada: aprenda um pouco, pense um pouco, desenhe e pinte e cante e dance e brinque e trabalhe um pouco ... todos os dias. Tire um cochilo todas as tardes. Quando você sair por aí, preste atenção no trânsito e caminhe, de mãos-dadas, junto com os outros. Observe os milagres acontecerem ao seu redor. Lembre-se da sementinha que brota da terra molhada ou até do feijãozinho no algodão. As raízes crescem por baixo e ninguém sabe como e porquê, mas todos somos assim. Peixinhos dourados e porquinhos da Índia e ratinhos brancos, e mesmo o feijãozinho do copinho plástico – todos morrem. Nós também. E lembre-se do livro do Joãozinho e Maria, e a primeira palavra que você aprendeu, sem perceber. A maior palavra de todas: OLHE!!! Tudo o que você precisa mesmo saber está aí, em algum lugar. As regras básicas do convívio humano, o amor, os princípios de higiene; ecologia, política e saúde.

Pense como o mundo seria melhor se todos – todo mundo mesmo – na hora do lanche tomassem um copo de leite com biscoitos, e depois pegassem seu cobertorzinho e tirassem uma soneca. Ou se tivéssemos uma regra básica, na nossa nação e em todas as nações de pôr as coisas de volta nos lugares onde as encontramos e de limpar a nossa própria bagunça. E será sempre verdade, não importa quantos anos você tenha, se você sair por aí, pelo mundo afora, o melhor mesmo é poder dar as mãos aos outros, e caminhar sempre juntos.



Uma história para a Páscoa

Profa. Hildegard Wucherpfenning
 professora do Jardim

De como o trigo virou pão

(Lenda contada por Irene Johanson)

Quando o capim viu que tinha recebido tão belas espigas, deixou – em agradecimento – brotar em cada grão uma pequena irradiação, de maneira que as espigas pareciam cheias de pequenos sóis oblongos. Os grãos cresceram, cresceram e ficaram tão pesados que as espigas se inclinaram para a terra, dizendo-lhe: “Querida terra, o céu nos deu a luz e você nos deu a matéria. Em agradecimento enviamos nossas irradia-

ções ao céu e inclinamos nossos grãos para você”. Disse, então, a terra: “Vocês agora estão contentes por estarem assim carregadas de grãos, mas ainda terão que sofrer muito. Não desanimem, pois no fim ficarão brancos como a luz celeste e receberão um novo corpo, redondo e marrom como uma pequena terra”. As espigas ouviram atentamente as palavras da terra.

Então chegou o lavrador e ceifou as espigas. Malhou o trigo tanto, que os grãos saltaram de suas cascas. “Este é o sofrimento do qual a terra falou”, pensaram as espigas. “Isto tem que acontecer para ficarmos brancas como a luz e redondas e marrons, como a terra”. Depois de terem sido malhados, os grãos foram colocados em sacos. Ali dentro estava apertado e escuro. O lavrador pegou o saco nas costas e o levou para o moinho. A cada passo que dava, os

grãos ralavam-se e desejavam sair daquele saco escuro. “Aqui está tão apertado e escuro”, queixavam-se.

Depois o saco foi aberto e os grãos pularam para fora. Mas não alcançaram a luz. Foram, sim, para um funil ainda mais escuro. No moinho, o trigo foi moído e perdeu sua própria forma. Mas continuava a lembrar-se do que a terra lhe dissera e, por isso, suportava tudo. Assim o trigo foi transformado em farinha, branca como a luz celestial. Em seguida, a mulher do lavrador tomou a farinha, misturou-a com água, fermento e sal, e da massa formou um pão redondo. Levou-o ao forno, onde ele criou uma crosta firme e ficou parecendo uma pequena terra, redondo e marrom. Assim cumpriu-se o que a terra prometera ao trigo, quando este ainda estava no campo.

Histórias para crianças a partir de 9 anos

Histórias que nos falam de transformação são as indicadas para a época de Páscoa. Na cultura indígena, temos a bela lenda da mandioca, que nos conta da transformação do corpo de Mandi. Criança que nasce tão bela quanto a nuvem mais branca do céu. Do seu corpinho, depois que morreu, onde foi enterrado, nasce a mandioca, que se tornou o primeiro alimento de todas as tribos e da maioria dos brasileiros.

Para as crianças do Jardim contamos a história “O burrinho”, dos irmãos Grimm.

Dr. Rudolf Steiner

Prof. André Toffoli Rodrigues
professor do 5º ano

Rudolf Steiner, como todos vocês devem saber, foi um grande pensador e empreendedor da vida espiritual/cultural de seu tempo. Orientou impulsos sociais e de renovação profissional em diversas áreas (medicina, agricultura, a pedagogia Waldorf, arquitetura ...) em um nível de detalhamento impressionante. Sempre a partir de uma concepção científico-espiritual desenvolvida com base em suas próprias pesquisas e a experiência de colaboradores. O conjunto de sua obra e biografia é surpreendente, chega a ser inacreditável a amplitude de seus conhecimentos e atuação humana.

Ele é para nós professores Waldorf e antropósofos de maneira geral, a maior referência desta Ciência Espiritual que nos inspira e orienta em diversos âmbitos de nossa vida e profissão.

Pessoalmente, sempre me intrigaram as imagens de Rudolf Steiner; suas fotos. Nelas demonstra ser um homem sério, sem dúvida um pensador, com um rosto extremamente definido, marcado. Um homem bonito; mas não uma beleza fácil. Homem singular, de olhar penetrante, olhos e face enrugados, cabelos lisos, mãos expressivas, mesmo em “pose para a foto”. Li algumas descrições de contemporâneos sobre ele: na intimidade era amável e doce, tinha uma capacidade imensa de compreender e se colocar sob o ponto de vista da personalidade e sentimentos alheios, uma fala agradável e “inconfundível” sotaque vienense ... Meu Deus, como é um “inconfundível sotaque vienense”?! Parece o quê? Será que pode ser comparado com algum tupiniquim: baiano, carioca, gaúcho, mineiro, sertanejo? Sempre quis saber!

Lendo os textos de palestras transcritas, vendo

sua forma, para mim maravilhosa, de tecer idéias pela oralidade, o enfoque e estilo diferenciado em diferentes ocasiões para diferentes públicos, nunca consegui formar um sentimento claro sobre a presença de Steiner em relação à sua imagem e às descrições e referências que tinha. Como era ele pessoalmente? Até que lendo o prefácio do livro, “A Evolução Divina da Esfinge ao Cristo”, de Édouard Schuré esta presença se tornou clara para mim. Este se dirige em agradecimento ao Dr. Steiner nos seguintes termos:

“Jamais esquecerei o momento em que uma amiga comum, vossa colaboradora, Mlle. Marie de Sivers, vos trouxe até mim. Era abril de 1906. Correndo o risco de fazer sorrir as pessoas que jamais conheceram tais impressões, devo confessar que vos vendo entrar em meu gabinete de estudo, experimentei uma das mais profundas comoções de minha vida. (...)

Parece então que, no espaço de um segundo e de um só olhar, se descobre todo um mundo. Para provar ao leitor que eu não sou o único sobre o qual vossa personalidade produziu tão extraordinário efeito, citarei aqui o testemunho de um homem que não é teósofo, mas que se poderia considerar o mais profundo e completo dos intelectuais. Refiro-me a M. Prozor, o notável tradutor e intérprete de Ibsen na França. Eis que ele, há dois meses dizia sobre vós: “Raramente se viu criatura concretizar a tal ponto, pela intensidade do olhar, pela expressiva mobilidade do corpo e dos movimentos, o tipo de ser sensitivo, capaz de passar, num instante da meditação ao arrebatamento, da emoção à energia, possuindo, além disso - o que se vê em sua frente volumosa e seu desenvolvimento craniano, que impressiona à primeira vista -, o poder de controlar o impulso e a fantasia de uma forte disciplina que, dos movimentos da alma, faz sair a obra de arte”.

O que me impressionou antes de tudo nesta fisionomia macerada e marcada pelo pensamento, foi a serenidade perfeita que sucedera às lutas formidáveis, cujos traços nela se estampavam ainda. Havia um misto de extrema sensibilidade e extrema energia, indicando o mais completo domínio de si. Magnífica vitória da vontade sobre uma natureza capaz de tudo compreender e tudo sentir. A candura da infância reencontrada na força do sábio, eis o que dizia o sorriso desta boca de lábios finos e apertados. E depois, saía deste olhar negro um raio de luz que parecia verdadeiramente atravessar os mais espessos véus e ler no invisível. Um ser moral e intelectual completamente cristalizado em torno de um centro espiritual, de uma limpidez radiosa - eis o surpreendente espetáculo que me destes.”

Shuré prossegue descrevendo seu encontro e sua percepção sobre o cerne da antroposofia e o esoterismo cristão de Steiner, concluindo o parágrafo com as palavras: “Se uma vidência superior vos fornece os mais elevados conhecimentos, não os admitis senão após tê-los feito passar por um severo crivo e tê-los classificado, por categoria, na hierarquia dos fenômenos, sob a grande lei da causalidade e das analogias universais. Não é a uma submissão cega e ao tartamudear de um catecismo aprendido de cor que inciteis vossos discípulos, mas à iniciativa e à mais absoluta independência quando a eles repetis: “Se vossa experiência e vossa razão não confirmam o que vos digo, não acrediteis em mim!””

* SCHURÉ, Edouard. *A evolução divina da esfinge ao Cristo*. Tradução Augusta Garcia Doris. São Paulo: Ibrasa, 1982. Coleção Gnose -9.

nos bastidores

Notícias do mato

Prof. André Toffoli Rodrigues
professor do 5º Ano

Inauguramos nesta edição este cantinho, que se destina a notícias sobre a vida das plantas, animais e até das pedras e do céu do quintal da nossa escola e vizinhança. Para os leitores de jornal, esta é como uma “coluna social” daqueles jornais grandões, só que com notícias sobre os ninhos, as floradas, as frutas que estão no pé, os carrapatos, aquela “estrela” que está muito brilhante sobre nós ... E de vez em quando com uma prosinha só pra distrair quem ainda tem tempo de deitar numa rede ou brincar com o cachorro.

Vão algumas notícias fresquinhas:

- Noite dessas, fazendo hora extra, por minha conta, seu Antônio, o paraibano, (vocês sabiam que ele é paraibano e já foi caminhoneiro?) me chama: – “Corre aqui, vem ver!” Estava lá! Subiu no fio de eletricidade, deu uma cambaleada e depois desceu. Um ouriço caxeiro ainda filhotão, que depois de um tempo, por sua conta entrou na varanda da secretaria e ali ficou com a gente, olhando desconfiado, com aquele focinho redondo, engraçado. Para confirmar a visita, deixou uns poucos espinhos no chão (alguns alunos do 5º ano viram).
- Seu Antônio contou que à noite, vez ou outra, vê um veado e um lobo! Será mesmo um lobo? Um lobo guará?
- Má notícia. Antes de começar a aula, um outro ouriço morreu eletrocutado no fio elétrico. A Hildegard viu.
- Boa notícia: os alunos do 5º ano plantaram no Jardim várias árvores frutíferas, a maioria pouco conhecida e querida dos passarinhos, das crianças e, à noite, dos morcegos. Calabura, grumixama, pinha, araçá, siriguela, canela (esta, só de cheiro), groselha, macadâmia, jabuticaba, carambola, goiaba ... ufa!, acho que não esqueci de nenhuma.
- E parte dos alunos do 5º ano estão cuidando da jabuticabeira atrás da cozinha para ela produzir mais e melhor.
- Os alunos do 4º ano formaram o “grupo de amigos da natureza” que começou por iniciativa deles e cuida dos jardins da escola. E ainda vem surpresa por aí!
- Por iniciativa de Amon do 2º ano foi feito um abaixo-assinado com as iniciais de todos com os quais se



encontrava. Depois de muitas letras escritas no seu imponente papel, sua reivindicação foi atendida: retiraram uma corda, onde as crianças brincavam, que estaria “enforcando o abacateiro”.

- “Para Deus não existe a palavra insignificante. Quem julga assim não tem a menor noção do que é o infinito. Todo o cosmo poderia ruir pela falta de uma cabeça de alfinete”. (Paramahansa Yogananda)
- *Carpe diem!*



Amigos da natureza

alunos do 4º ano

Faz dois meses que o grupo “Amigos da Natureza” iniciou seu trabalho aqui na Escola. Nós somos em treze participantes, mas queremos ainda aumentar o número de colaboradores.

Dois colegas nossos trouxeram a idéia, vendo como a natureza precisava do nosso cuidado. A classe também assumiu a idéia com muito carinho e amor, com vontade e dedicação. Formamos grupos de dois e três colaboradores, distribuídos nos cinco dias da semana.

Já limpamos um pé de acerola no Jardim da Infância, afofamos a terra, tiramos tiriricas, fizemos um canteiro de flores, mudas de violetas de três tipos, plantamos pingos-de-ouro!

No primeiro dia, com muita empolgação, fizemos uma grande besteira, arrancando plantas de um canteiro que não deveríamos. Pensamos que fosse matinho. Aprendemos uma boa lição: não devemos trabalhar sem informação.

Estamos para plantar arbusto ornamental diante da classe do terceiro ano, transplantando este arbusto de um canteiro para o outro.

Agradecemos ao Prof. André, que é ecólogo, e que nos ensina e nos orienta em todo o nosso trabalho.

Como no nosso tempo Cristo renasce no pensar da Humanidade

Texto sugerido pela Profa. Bárbara Evelini Pires Fonseca Rodrigues

Trecho de uma palestra de Rudolf Steiner do livro “O aspecto interno do enigma social” (11/02/1919)

Tradução: Bernardo Kaliks e revisão: Mariangela Schleyer

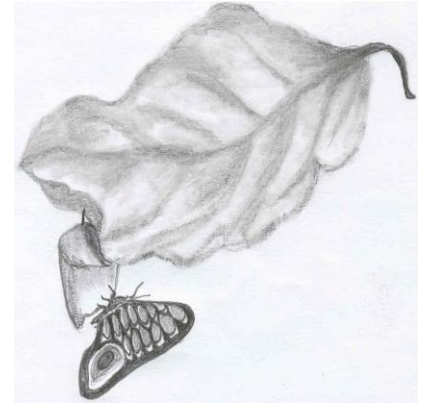
No momento em que considerarmos a perfeição presente desde o início, ao estilo de Rousseau - ou de qualquer outra pessoa - não podemos, de forma alguma, encontrar Cristo: Ele só pode ser encontrado quando sabemos que após o mistério do Gólgota, o ser humano tem, digamos, um defeito a ser compensado por sua própria conta aqui na Terra. Nascemos cheios de preconceitos, portanto, só podemos conquistar a eliminação dos mesmos durante a vida. Mas como? Única exclusivamente ao desenvolvermos interesse altruísta, não apenas em relação ao que a própria pessoa pensa, ao que acha correto, mas desenvolvendo interesse altruísta, também, por tudo o que os outros expressam e chega a ela, ainda que considere incorreto. Quanto mais a pessoa insistir nas próprias opiniões, interessando-se apenas por elas, tanto mais se afasta de Cristo nesse momento da evolução. Quanto mais interesse social a pessoa desenvolver pelas opiniões alheias ainda que as considere equivocadas, quanto mais a pessoa iluminar seus próprios pensamentos pelas opiniões dos outros, quanto mais ela colocar ao lado dos próprios pensamentos - que considera verdadeiros - os pensamentos de outros que considera incorretos, e mesmo assim se interessar por eles, tanto mais ela cumprirá, no mais íntimo de sua alma, uma frase de Cristo que hoje deve ser interpretada num sentido novo, no sentido da nova linguagem de Cristo.

Cristo disse: “*O que fizerdes ao menor de meus irmãos, a mim o farás*”. Mas Cristo não deixa de se revelar, sempre de maneira nova, até o final dos dias da Terra. E, assim, Ele fala hoje, para quem quiser ouvi-lo: “*Deveis acolher o que o menor de vossos irmãos pensa como se Eu o pensasse nele, e deveis ver como Eu sinto com vocês o interesse social pelo que acontece na alma do próximo quando vocês avaliam o pensamento do outro pelo seu próprio. O que vocês encontram como opinião, como visão de mundo no menor de vossos irmãos, é onde devem me procurar*”. Assim fala Cristo na nossa vida de pensamentos, na qual Ele, justamente, quer se revelar de maneira nova ao ser humano do século XX. Não é o fato de se falar de Deus, como Harnack faz, que também poderia ser Jeová - e na verdade é - mas saber que Cristo é Deus

para todos os seres humanos.

Não o encontraremos se ficarmos egoisticamente em nós mesmos, nos próprios pensamentos, mas apenas se compararmos nossos pensamentos aos das outras pessoas, se ampliarmos nosso interesse através da tolerância interior a todo o humano, se dissermos: através do nascimento, sou alguém cheio de preconceitos; através do renascimento, a partir dos pensamentos de todas as pessoas, num sentimento pensamental social abrangente, encontrarei em mim o impulso que é o de Cristo. Se eu não me considerar como a fonte de tudo aquilo que penso, mas me considerar como membro da Humanidade até o mais íntimo de minha alma, encontrarei o caminho para Cristo.

Esse é o caminho que hoje deve ser caracterizado como o caminho pensamental para Cristo. Severa auto-educação, à medida que conquistamos consideração pelos pensamentos dos outros, enquanto corrigimos o que trazemos como nosso direcionamento nos diálogos com os outros, essa deve ser uma severa tarefa de vida. Pois, se essa tarefa não ganhar seu lugar, os seres humanos perderão o caminho para Cristo. Esse é o caminho dos pensamentos hoje.



o que vai por aí

Festa das culturas indígenas

Profa. Ioli Gewehr Wirth e Profa. Elisa Ferrari Manzano
professora de Alemão e professora de Eúritmia

No Brasil existem mais de 250 povos indígenas, portadores de diferentes idiomas, práticas artísticas e rituais. A diversidade e a extensão deste universo cultural nos surpreende, pois construímos durante o nosso processo de educação uma imagem simplista do “índio”. Aprendemos que “o índio” anda nu, vive em ocas e se alimenta do que extrai da mata. Esta definição pobre e estereotipada esconde a diversidade e a beleza cultural presente no universo indígena. A expressão “índio” é um rótulo colocado pelo homem branco que pensava ter encontrado a Índia, e denota hoje uma condição de superioridade da cultura civilizada em relação às culturas nativas.

Pesquisas arqueológicas indicam que o continente americano já era povoado a pelo menos 15 mil anos e com a chegada dos europeus, foi negada e aniquilada qualquer cultura e cosmovisão indígena.

Na tentativa de oferecer uma abordagem mais rica da diversidade cultural brasileira e ao mesmo tempo aproximar nossas crianças da dimensão anímica dos habitantes naturais da nossa terra, a Escola Waldorf Veredas celebrará em abril, com todos os seus alunos, a Festa das Culturas Indígenas. Será um momento para mergulhar na beleza do universo de diferentes nações indígenas, conhecer alguns mitos e rituais, cantar músicas e experienciar brincadeiras.

Quaresma e páscoa no jardim de infância

Como cultivamos e como festejamos

Profa. Hildegard Wucherpfenning
professora do Jardim

No jardim de infância, cultivamos com muita ênfase, durante a quaresma, as lagartas, que comem muito, se encasulam e viram lindas borboletas. Esta imagem e símbolo de transformação é muito real para as nossas crianças. No outono, em especial, temos muitas lagartas e borboletas e nunca tivemos tantas em nosso jardim.

Afinal, estas manifestações revelam a essência dos valores e cosmovisões destes povos que, por viverem intimamente ligados à natureza, têm muito a nos ensinar.

A seguir, um trecho de uma carta escrita em 1856, como resposta a uma proposta de compra de terras feita pelo presidente dos EUA aos povos nativos do país.

“... Vocês devem ensinar às suas crianças que o solo a seus pés é a cinza de nossos avós. Para que respeitem a Terra, digam a seus filhos que ela foi enriquecida com as vidas do nosso povo. Ensinem a suas crianças o que ensinamos às nossas, que a Terra é sua mãe. Tudo o que acontecer à Terra, acontecerá aos filhos da Terra. Se os homens cospem no solo, estão cuspidos em si mesmos. Isto sabemos: a Terra não pertence ao homem; o homem pertence à Terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo.”

A festa das culturas indígenas acontecerá no dia 27 de abril no período da manhã. Os pais que quiserem participar do encerramento da festa estão convidados a partir das 11h 50 min.

Bibliografia

- LETZOW, Marcelo. *A cultura indígena e a educação da criança*. (2003)
FERNANDES, Jose R. O ensino de história e diversidade cultural. *Caderno Cedes*. Campinas, v. 25, n. 60, Set-Dec. 2005.

E o coelho, onde está? Este é real, lá nos campos primaveris da Europa. Aqui ele empestou os supermercados, por isso tratemo-lo com muito cuidado. Nem pintamos mais ovos com as crianças para que realmente possa ser uma grande surpresa encontrar 1 ... 2 ... 3 ... ovinhos no jardim da escola, na segunda-feira, após o domingo de Páscoa. Depois do domingo de Páscoa, sim, pintamos muitos ovos com as crianças, enfeitando as nossas salas com a alegria da vida nova. E as lagartas famintas do cantinho de época?

Transformaram-se em lindas borboletas de asas multicores ...

Na roda rítmica, que acontece toda manhã, as crianças vivenciam, em versos e músicas, a época do ano.

Roda de Páscoa deste ano

Música

A lagarta vai andando
Folhas frescas procurando
Come uma, duas, três
Come um monte de cada vez
Mas um dia, a lagarta parou
Pois com muito sono ficou
Um lugar seguro se pôs a procurar
E ali, bem quietinha, começou a fiar
Fios de ouro foi fiando
Seu casulo foi tecendo
Seu tesouro escondendo
Parecia até que ela morreu
Pois nenhum sinal de vida mais deu

Num dia bem claro, acordou de repente
A luz do sol a chamou insistente
Querendo sair da escuridão
Estica seu corpo, arrebenta a prisão

Que sol radiante, que lindo dia
A lagarta tão leve se sentia
E vejam, um milagre aconteceu
Da escuridão, uma borboleta nasceu

Ela abre as asas multicores
E vai visitar todas as flores

Música

Borboleta azul
Voa pelos campos
Campos multicores
Cheios de flores
Voa pelos ares
No azul do céu
Brinca com o vento
Como um véu

Música

Todo dia o sol levanta
E a gente canta
O sol de todo dia

De manhã o sol levanta
Acorda o lindo girassol
Abelhinhas já estão a voar
E o girassol elas vêm encontrar

Mas pelo caule bem retinho
Uma lagarta peluda e gordinha
Comia, comia com mil perninhas
– Não faça isso, o girassol pediu
Mas a lagarta faminta nem o ouviu

receitas de época

“Rosca de coco, nozes e uvas passas”

– Massa –

- ✓ 1 envelope de fermento instantâneo para pão (11g)
- ✓ 1 colher (sopa) de açúcar
- ✓ 3 colheres (sopa) de manteiga
- ✓ 1 pitada de sal
- ✓ 1 colher (sopa) de óleo
- ✓ leite para dar liga
- ✓ 1 kg de farinha de trigo

✓ – Toque final –

- ✓ açúcar para salpicar
- ✓ 2 copos de leite para umedecer

– Recheio –

- ✓ 3 colheres (sopa) de manteiga
 - ✓ 1/2 pacote de coco ralado, nozes e uvas passas
 - ✓ 1 copo de açúcar
 - ✓ 1/2 xícara (chá) de leite
- Misture a manteiga e o açúcar, depois o coco e o leite

“Misture à farinha o sal e a manteiga, fazendo uma farofa. Em seguida, acrescente o fermento e o leite, trabalhando a massa com as mãos até ficar macia. Abra-a com o rolo, adicione o recheio em toda a superfície e enrole-a para, em seguida, cortá-la em fatias finas, e leve-as para assar. Depois de assadas, tire do forno e adicione o leite. Salpique o açúcar e leve novamente ao forno, para que o leite seque, dando assim o ponto final. Desenforme ainda quente para não grudar.”

Essa receita foi cuidadosamente testada e aprovada pela Cris, mãe da Mariah Vizotto (Jardim da Hilde).

Em vez de cortar, também se pode amassar e modelar a massa em forma de rosca, decorando-a com motivos de Páscoa.



Coordenação geral
Colaboradores

Flavio Francisco Orlandi e Vera Lúcia de Oliveira
Regina L. Gomes, Tiseko Yamaguichi, Hildegard Wucherpfenning, André Toffoli Rodrigues, Alunos do 4º ano, Bárbara Evelini Pires Fonseca Rodrigues, Ioli Gewehr Wirth, Elisa Ferrari Manzano e Cris, mãe da Mariah Vizotto (Jardim da Hilde).

Diagramação
Ilustração
Revisão
Tiragem

Flavio Francisco Orlandi
Ângela Raeder Pinto Porto Serra
Tiseko Yamaguichi
200 exemplares - distribuição gratuita

Boletim informativo da Escola Waldorf Veredas

rodovia campinas-mogi mirim, km 1155 – caixa postal 7012 – campinas-sp – cep 13076-970 - 193262-1377

www.escolaveredas.com.br